



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-10 – Informação e Memória

MANUSCRITOS DE KOELLREUTTER: INVESTIGAÇÃO SOBRE A MEMÓRIA DOCUMENTÁRIA

KOELLREUTTER PAPERS: RESEARCHS ON DOCUMENTARY MEMORY

Lourdes Regina Porto – Universidade de São Paulo

Giovana Deliberali Maimone – Universidade de São Paulo

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Situa o trabalho de pesquisa sobre o Acervo Koellreutter no contexto dos novos paradigmas mundiais introduzidos na última década pelas políticas públicas de acesso a arquivos e pelas correntes pós-custodiais da arquivística contemporânea. Analisa os manuscritos do referido maestro na perspectiva da Ciência da Informação para fins de Organização do Conhecimento. Tem-se a mediação informacional problematizada pela singularidade da terminologia identificada, que extrapola a língua de especialidade e desafia a tradução e síntese vocabular. A pesquisa caracteriza-se por uma revisão de literatura no temário interdisciplinar da Ciência da Informação, Arquivologia e Música orientada para a representação da memória documentária do acervo em voga. Coloca em discussão os sentidos do arquivo pessoal no âmbito da difusão informacional e o conceito de memória documentária como sistema de representação do conhecimento.

Palavras-Chave: Hans-Joachim Koellreutter; Música; Arquivo pessoal; Memória documentária.

Abstract: This text places the research on the Koellreutter Collection in the context of the worldly new paradigms introduced in the last decade by public archival policies and by the post-custodial currents of contemporary archiving practices. It analyzes his manuscripts from the perspective of Information Science for the purpose of Knowledge Organization. The informational mediation is problematized by the uniqueness of his terminology, which goes beyond the language of specialty and challenges the translation and vocabulary synthesis. The research is characterized by a literature review on the interdisciplinary theme of Information Science, Archival Science and Music oriented towards the representation of documentary memory of the collection. It discusses the meanings of the personal archive in the context of informational diffusion and the concept of documentary memory as a knowledge representation system.

Keywords: Hans-Joachim Koellreutter; Musical studies; Personal papers; Documentary memory.

1 INTRODUÇÃO

Políticas públicas de abertura e acesso a documentos de arquivo, impulsionadas na última década em âmbito mundial pelo Conselho Internacional de Arquivos (CIA¹) na esteira da *democratização* da informação, impõem hoje uma nova reflexão aos profissionais da área, e com ela, uma nova responsabilidade sobre o universo da memória. Paralelamente, a emergência de uma nova prática mundial arquivística, designada como pós-custodial e científica, num momento de *coletivização* dos dados e da informação, põe em xeque o antigo modelo tecnicista dos acervos de viés administrativo vinculados a órgãos de poder, abrindo possibilidades para o reuso da informação do passado, a ressignificação de conteúdos e a revisão de narrativas, notadamente no âmbito cultural e artístico. Trata-se de um deslocamento de eixo paradigmático na Arquivologia.

Nesse contexto, tendo por objeto de pesquisa e estudo de caso o tratamento informacional e a difusão dos manuscritos históricos do acervo do maestro e educador musical alemão naturalizado brasileiro Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005)², reconhecido como fundo pessoal de interesse público e de valor permanente para a história da música e a memória nacional, o presente trabalho chama atenção para três aspectos: a) a definição mesma de *acesso* dada pelo CIA no guia técnico “Princípios de Acesso aos Arquivos” (2012) e suas implicações; b) a ênfase da abordagem pós-custodial na interpretação e releitura do conteúdo arquivístico; e c) o empréstimo do conceito de memória do campo da História pela Ciência da Informação, representado na síntese vocabular “memória documentária”, conceito paradigmático em progresso, compreendido como modelo sistêmico atinente ao universo do documento enquanto matriz (LARA, 2003), cuja complexidade de representação requer, por si, a confluência de diferentes formas de conhecimento (VIEIRA, 2007).

O primeiro tópico revela, além da urgência na abertura ao conteúdo informacional, a relação direta entre acesso e um instrumento de pesquisa *ad hoc*, aspecto ainda problemático na prática arquivística vigente em razão de um paradigma consolidado na preservação e guarda de grandes massas documentais. O segundo aspecto requer reflexão quanto às contribuições da leitura interpretativa do material documental, bem como quanto aos limites da mediação, curadoria e interveniência sobre materiais arquivísticos. Finalmente o terceiro aspecto, de certa maneira responde ao primeiro: sempre particularizada, a “memória

¹ No inglês original, *International Council on Archives* (ICA).

² Coleção ainda sob custódia privada e em processo de digitalização para posterior disseminação pública.

documentária”, cuja construção representacional se dá coadunada intelectual e terminologicamente com o contexto do registro memorial, resulta ferramenta de fixação da síntese informacional e sua permanência histórica (LARA, 2003, grifo nosso). Tal flutuação comunicacional decorre de seu aspecto mais volátil e paradoxal: a intangibilidade mesma da memória, aquilo que o filósofo francês Paul Ricoeur denomina de “rastros” contidos em documentos de arquivo, e de “memória arquivada” (KARPINSKI, 2015).

A organização e tratamento dos manuscritos do maestro e professor alemão Hans-Joachim Koellreutter devem atentar a todas essas considerações. Mais do que um projeto de conservação e custódia de sua memória pessoal inscrita em uma coleção de papéis dispersos e amarelados, tem-se em jogo sua reconstituição *a posteriori* enquanto coleção documental de sessenta anos de vida pública dedicada à música, ao ensino, às artes de vanguarda e ao ativismo cultural no País. De um ponto de vista informacional, trata-se de operar uma transição sobre o status documental: da memória individual para a memória social. A passagem é mediada pela *linguagem documentária*, que imprime elementos denotativos aos documentos individuais, e pela *memória documentária*, que identifica e revela a unidade mental subjacente ao conjunto do acervo e permite a leitura conotativa de seus constructos.

Como em todo sistema complexo, o tratamento documentário do Acervo HJK enfatiza a noção de rede, isto é, as relações cognitivas possíveis entre elementos conceituais ou mesmo as possíveis associações rizomáticas entre documentos.

2 INFORMAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA

Dentre a pluralidade de significados e acepções do conceito de memória, atribui-se o de “memória coletiva” e sua imbricação “simbiótica” com a História ao filósofo e sociólogo francês Maurice Halbwachs, cujos estudos relacionam a memória individual à memória coletiva, esta entendida como “a memória que é partilhada, transmitida e construída pela sociedade” (BARROS; TOGNOLI, 2011, p. 76).

Registrada e disseminada, a memória pessoal ascende à memória social. Gestada e maturada há vinte anos pelo Conselho Internacional de Arquivos (CIA), e de início destinada apenas a acervos governamentais, a política de abertura a documentos de arquivo ganhou força com a Declaração Universal sobre os Arquivos, publicada com endosso das Nações Unidas em 2010, quando amplia o escopo para as demais categorias de arquivo, incluindo os pessoais, na instância do gerenciamento da “memória individual e coletiva” e da

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

“compreensão do passado”. Essa agenda é sedimentada em 2012, com a divulgação emblemática de Princípios de Acesso aos Arquivos, uma carta em dez tópicos concisos quanto à competência técnica e ao compromisso ético, cujo teor vai além da mera “declaração de boas práticas” dada pelo órgão colegiado. São tópicos que efetivamente sintetizam um novo paradigma mundial de política arquivística, convocando não apenas instituições como a sociedade civil e a opinião pública a um comprometimento imediato com a memória, seja na esfera privada, local, nacional ou universal.

Nesse cenário, ações supostamente divergentes entre órgãos públicos e projetos inovadores de releitura de acervos ou transgressores de “ocupação documental” da memória assumem menos um caráter de conflito e mais o da dialética – o antigo embate entre historiadores e arquivistas dá lugar a uma dicotomia entre documentação e experimentação de vanguarda. Delmas (2010) fala em “revolução dos arquivos”; Assmann (2011) em “construção de uma *story*”; Baldacci (2016) em “furor arquivístico” e na “necessidade de restituir uma lógica mais profunda” ao documento; e Arantes (2015) em “arquivomania” e em “mudanças ontológicas na concepção do arquivo”.

Terry Cook já antevia o que nomeou “transbordamento da noção de arquivo” (*apud* FONSECA, 2005), sendo o maior desafio da Arquivística contemporânea a organização do conteúdo da informação, que vai além das atividades cumulativas ou dos processos continuados (ou seriados) dos fundos em sua globalidade. Essa realidade é desafiadora já à primeira frase do Prefácio aos Princípios de Acesso aos Arquivos, do CIA (2012), onde se lê, como definição de *acesso*: “a disponibilidade de documentos para consulta como resultado tanto de autorização legal quanto da existência de instrumentos de pesquisa”. À dificuldade recorrente dos sistemas de busca, soma-se por vezes o impasse ideológico.

Vale frisar que a mudança de ênfase no foco arquivístico do item documental para o conteúdo informacional, corrente liderada por teóricos como Cook, a apropriação secundária de uma memória passada será “tudo menos neutra” (LE GOFF, 1990). Antes, uma reconstrução perspectívica e assíncrona em conformidade com os valores e episteme de uma época, e sempre ‘em processo’, em transformação. A plasticidade da memória passa a ser, assim como para o historiador, objeto de interesse e investigação também para o arquivista ou documentalista no tratamento de dados informacionais do passado, atribuindo-lhes um valor de testemunho subjetivo e variável, relativo e pessoal, a partir do ato mesmo da seleção

de extratos do conjunto da massa documental. Com isso, a função antes testemunhal da memória assume caráter “mais político e simbólico” (DELMAS, 2010).

O conceito trazido por Le Goff de que um documento é “o resultado de uma montagem” se expande, no projeto de organização, pesquisa e análise do Acervo Koellreutter, na perspectiva ampla de organização da informação de um arquivo complexo e multidisciplinar com vista à “remontagem” de um certo tipo de conhecimento intelectual. Parafraseando o autor, o acervo não é inócuo, e todo tratamento implica alguma forma de manipulação à qual se deve atentar, inclusive na construção da “memória documentária”.

3 MEMÓRIA DOCUMENTÁRIA

Enquanto linguagens documentárias são representações da *informação*, define-se “memória documentária” enquanto interface de um modelo de organização e representação do *conhecimento* (DODEBEI, 2002). Seu método formal e sistemático se dá por construções simbólicas e estruturações sintéticas, o que faz com que a informação seja transposta, mediada e comunicada por uma tradução semântica ou analogia linguística ou mental.

Conforme Dodebei (2002), os modelos de memória documentária podem ser tipificados de várias formas – de ordem descritivo-normativa, operacional e de controle, ou, no que interessa ao presente trabalho, de caráter cognitivo, lógico-conceitual e semântico. Cada qual reflete a ideologia inerente a uma visão de mundo ou aos interesses de uma área de conhecimento, ainda que terminológicos.

De acordo com Lima (2007), é a partir dessa “tensão dialética” entre os Sistemas de Classificação e os Sistemas de Recuperação da Informação que se dá a elaboração da informação documentária, que a autora compara ao percurso linguístico-comunicacional dos processos semióticos de codificação e decodificação.

Segundo Dodebei (2002), a memória documentária não ignora a ambiguidade das configurações da realidade; antes, se alinha com a mesma orientação horizontal, transversal e transdisciplinar conduzida hoje pelas ciências, em mesma busca por “interseções de significado” e “produção de sentido”. Nesse que é por consenso um ponto nevrálgico para várias áreas envolvidas com o fazer arquivístico, a memória documentária vem a se alinhar, ainda que por viés indireto e sem a mesma licença poética ou constructo filosófico, aos caminhos trilhados pelo vasto e completo pensamento contemporâneo no tema do uso e funções dos Arquivos.

4 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Diante do mosaico de considerações apresentadas, considera-se como esse conjunto de reflexões podem contribuir para o tratamento de um arquivo pessoal de natureza artístico-cultural no âmbito do denominado Sistema de Organização do Conhecimento (SOC) formulado pela Ciência da Informação; e de que forma essas novas visões conceituais e teóricas da Arquivística Pós-Moderna podem dialogar com a matéria documental estudada e com os instrumentos de memória documental a serem forçosamente construídos para fins de operacionalização prática: o Acervo Koellreutter.

Constitui-se como fonte privilegiada para o estudo de caso um legado de dois mil itens documentais representativos da trajetória e produção intelectual do músico alemão naturalizado brasileiro ao longo de suas seis décadas de atividade pedagógica e ativismo cultural no país (anos 1940-2000).

Com base no exposto, projeta-se a construção de sua “memória documental” notadamente a partir de sua projeção pública, quando o maestro formula os textos mais significativos de sua biografia na forma de artigos, ensaios, manifestos, cartas abertas, correspondência epistolar, roteiros, cursos e palestras, deixando patente sua forma de pensar a música em relação com as outras artes, ciências e culturas do mundo – tanto nos documentos de grande empenho intelectual, quanto nos aqui denominados “pequenos papéis”, a saber, as anotações informais de foro íntimo.

A partir do foco teórico primário do projeto de pesquisa, centrado na organização da informação e do conhecimento do acervo com base em modelos da teoria geral da Biblioteconomia e da Arquivologia; foco este em segunda etapa ampliado pela contribuição da Epistemologia da Ciência da Informação, que permite situar o acervo como estudo de caso ilustrativo da prática documental e do cruzamento de referências teóricas do domínio; reportou-se, aqui, ao contato com as novas vertentes da Arquivística Pós-Moderna e do “paradigma pós-custodial”, viés que possibilita um diálogo possível entre subjetividade curatorial e objetividade analítica, a saber, entre o subsídio estético-filosófico da nova Arquivologia e a prática empírica dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC).

Nessa perspectiva, a pesquisa busca validar a pertinência da proposta no tratamento informacional, bem como identificar parâmetros de legitimidade científica – e ética – no

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

processo investigativo, em seu projeto de mediação, intervenção, ressignificação e exposição de um arquivo pessoal de uma personalidade cultural pública, o maestro Koellreutter.

A partir da definição consensual de “arquivos como lugares da memória”, somou-se à pesquisa uma análise comparada de distintos conceitos de memória, como memória social, memória cultural, memória escrita, memória cumulativa, memória funcional, memória ampliada, sempre tendo por eixo esse que é um termo próprio da Ciência da Informação, a “memória documentária”.

Para fins deste trabalho, a questão última que se impõe na consecução do propósito almejado diz respeito à legitimidade científica de uma intervenção deliberada sobre o conteúdo desses papéis por meio de uma ação arquivística de cunho francamente mediador e curatorial. Assim, tem-se a considerar quais os limites dessa interveniência a serem observados, bem como o rol de possibilidades abertas em consonância com as novas teorias e colaborações no âmbito mundial surgidas com os novos paradigmas introduzidos pelas políticas públicas de acesso a acervos e pelas novas correntes da Arquivística Pós-Moderna que, por extensão, recaem sobre a Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ARANTES, P.. **Re/escrituras da arte contemporânea**: história, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.85-100.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. de Paulo Soethe (Org.). Campinas: Editora Unicamp, 2011. p.143-158.

BALDACCI, C.. **Archivi impossibili**: un’ossessione dell’arte contemporânea. Monza, Itália: Johan & Levi Editore, 2016.

BELLOTTO, H. **Arquivo**: estudos e reflexões. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **Princípios de acesso aos arquivos**. Tradução de Sílvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca. Dados eletrônicos – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012.

DELMAS, B. **Arquivos para quê?** Textos escolhidos. Trad. de Danielle Ardaillon. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

DODEBEI, V. L. D.. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2002.

FONSECA, M. O. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

KARPINSKI, C. Memória Arquivada: reflexões sobre documentos e arquivos a partir de Paul Ricoeur. **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib)**. João Pessoa, 2015.

KOELLREUTTER, H.-J. **Manuscritos**. (S.I.).

LARA, Marilda L. G. Tesouro: linguagem de representação da memória documentária. Recensão. Ci. Inf. vol.32 nº 2. Brasília: 2003.

LARA, M. L. G. Linguagem documentária e terminologia. **TransInformação**. Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000394&dd1=c13f1>.

LE COADIC, Y.-F. **A ciência da informação**. 2. ed. Trad. de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, J.. **História e memória**. Trad. de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LIMA, V.M.A. A terminologia e a função comunicativa das linguagens documentárias. **X Simposio Iberoamericano de Terminología**, Montevideo, Uruguay, 2006.

PAES, M. L. **Arquivo**: teoria e prática. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

RIBEIRO, F. Memória, Informação e Ciência da Informação: relações e interdependências. In: **Memória: interfaces no campo da informação**. Oliveira. E. B.; Rodrigues, G. M. (Org.). Brasília: Editora UnB, 2017. p.109-136.

RICOEUR, P. **Memory, history, oblivion**. Conferência. Budapeste, 2003.

TOGNOLI, N. B.; BARROS, T. H. B. As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais. In: **Ponto de Acesso**, v. 5, n.1, p. 66-84. Salvador: UFBA, 2011.

VIEIRA, Jorge de A. **Ciência**: Formas de conhecimento - Arte e ciência, uma visão a partir da complexidade. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, UFC/UECE, 2007.